



UNICAMP

EVENTO:

CD LEVA À DESCOBERTA DA MÚSICA DO NOSSO

TEMPO

VEÍCULO:

FOLHA DE S. PAULO

DATA:

1.04.97

PÁGINA:

4-6

SEÇÃO:

ILUSTRADA



CD leva à descoberta da música do nosso tempo

ARTHUR NESTROVSKI
especial para a Folha

Dois dos maiores compositores da atualidade são húngaros: György Ligeti (pronuncia-se Di-jêrdij Ligueti), residente em Colômbia, na Alemanha, desde 1956, e que terá sua obra integral gravada, a partir deste ano, pela Sony, e outro György, Kurtág (Cúrtag), menos conhecido do público, mas reverenciado pelos colegas e por uma platéia crescente de devotos.

O lançamento de um CD da Deutsche Grammophon, com a Filarmônica de Berlim, regida por Claudio Abbado, interpretando duas obras de Kurtág, vem a propósito, no dia da chegada do presidente da Hungria ao Brasil, e serve para mostrar que o país de Liszt, Bartok e Kodály e de regentes como Nikisch, Fritz Reiner, Antal Dorati e Georg Solti continua sendo um dos centros musicais da Europa.

A fama internacional de Kurtág (nascido em 1926) chegou tarde. Virtualmente calado durante o período comunista, foi só na década de 80, em fins do regime Kádár, que uma sequência extraordinária de peças para soprano, com acompanhamentos variados, veio à luz pelas mãos de Pierre Boulez, entre outros.

"Mensagens da Finada R.S. Trousova", de 1981, sobre poemas russos de Rimma Dalos, firmou o nome de Kurtág como um dos principais compositores em atividade.

Foi seguida pelas "Cenas de um Romance" (1984) e pelos "Fragmentos" (1987), peça de 70 minutos inspirada em cartas e diários de Kafka. As duas primeiras podem ser ouvidas num CD da Hungaroton, com a soprano Adrienne Csengery e o Ensemble InterCon-

temporain, regido por Boulez.

O novo CD traz duas composições mais recentes de Kurtág: "Grabstein für Stephan" (1989), uma "lápide" mortuária, em homenagem ao marido da psicóloga Marianne Stein; e "Stele", outra "pedra fúnebre", de 1994, em memória de um amigo.

A primeira, para violão solo e conjunto de câmara, fraturado em grupos de teclados, percussão (especialmente gongos), metais, madeiras e cordas graves, estaria mais à vontade na companhia das esculturas de Giacometti, ou dos poemas de Celan, do que na de outros compositores — se é que "à vontade" é uma expressão adequada para essa música tão despojada e triste.

Uma explosão tripla da orquestra, verdadeira catástrofe sonora, não afeta os harpejos sempre tranquilos do violão, mas é como se esses, então, fossem uma resposta traumática, paralisada, livre de afeto, para algum evento terrível demais para ser narrado.

Já "Stele", para grande orquestra, é uma sinfonia fúnebre, em três movimentos. O adágio inicial faz uso delicado e premonitório de glissandos e oscilações microtonais, micro lamentos que levam, sem interrupção, ao segundo movimento, onde rápidas notas repetidas convergem em grandes sonoridades.

O terceiro movimento, inspirado em parte noutra composição para piano, é um dos momentos mais comoventes do repertório orquestral de hoje, uma música para além da música, repetições quíntuplas de notas se esvaindo no tempo como ondas concêntricas de uma pedra que caiu na água, até uma última, breve, imprevista e definitiva sobreposição de figuras.

Como toda a obra de Kurtág,

mas de forma ainda mais marcada, a "Stele" tem a nobreza de uma integridade não só musical, mas, se se pode dizer, moral também, ou mais simplesmente, humana.

Stockhausen

Além dessas duas peças, Abbado, com auxílio de outros dois regentes jovens, interpreta a antológica "Gruppen" de Stockhausen, para três orquestras.

É difícil crer que "Gruppen" já vai fazer 40 anos, no ano que vem: parece mais viva e menos programática do que nunca.

Construída a partir das teorias do compositor sobre a equivalência entre ritmo e alturas (um pulso acelerado a mais de 12 batidas por segundo começa a soar como uma altura) e modelo de organização temporal e espacial para duas gerações de compositores, é uma das criações clássicas do serialismo de pós-guerra. A Filarmônica de Berlim toca tudo com rara precisão e entusiasmo, "à vontade" nas inter-relações furiosamente complexas das três orquestras.

Em suma: um grande disco, com três grandes peças, de dois grandes compositores. É um prazer especial (há quem diria: uma responsabilidade) descobrir a música do nosso próprio tempo. Em outras palavras: fazer com que esse tempo se torne nosso e próprio.

Não somos nós, no fundo, que vamos descobrir Kurtág e Stockhausen; são eles que nos descobrem, para benefício da música e de cada um de nós.

Disco: Grabstein für Stephan e Stele, de György Kurtág, "Gruppen", de Karlheinz Stockhausen

Com: Orquestra Filarmônica de Berlim, sob regência de Claudio Abbado

Lançamento: Deutsche Grammophon

ROCK



Black Sabbath com Dio (o terceiro da esq. para a dir.) nos vocais; formação original pode se reunir

Black Sabbath original pode voltar a tocar após 5 anos

Formação com Ozzy Osbourne se apresentaria em festival

MARCELO MOREIRA
da Agência Folha

A formação original do Black Sabbath poderá se reunir pela terceira vez desde 1979. Ozzy Osbourne, ex-vocalista do grupo, negocia o retorno com o guitarrista Tony Iommi e com o baixista Geezer Butler.

A volta, caso ocorra, fará com que a formação inicial toque a partir de junho, durante 30 minutos, no Ozz Fest, um festival de heavy metal itinerante organizado pelo próprio Osbourne.

O quarteto original foi desfeito em 1979, com a saída de Osbourne. Iommi, Butler e o baterista Bill Ward recrutaram então Ronnie James Dio.

Em 1981 foi a vez de Ward abandonar a banda por problemas de saúde. Voltou em 1983 e saiu no final do mesmo ano. Ele tocou com a banda por alguns meses em 1994, mas se retirou no final do ano.

Já Butler abandonou o Black Sabbath em 1984 para retornar oito anos depois. Em 1994, o baixista saiu novamente.

Com as idas e vindas, apenas Tony Iommi se manteve na banda desde a fundação, em 1968.

Segundo informações de assessores dos empresários que estão viabilizando o Ozz Fest deste ano, a definição sobre a reunião do grupo deverá ocorrer até o final de abril.

Depois da separação, a banda original se reuniu duas vezes. A primeira no Live Aid, em Londres, em 1985, e a segunda em dezembro de 1992, na Califórnia, no que então era o show de despedida da música de Ozzy.